

EMPREGO E SALÁRIOS DO SETOR DE SERVIÇOS SE RECUPERAM NO INÍCIO DE 2018

Crescimento do PIB dos serviços foi de 0,5% em 2017

Em 2017, o PIB brasileiro apresentou crescimento em relação ao ano anterior, invertendo a tendência recessiva que vinha predominando desde 2015. A preços de fatores, o PIB cresceu 0,8% no ano, um valor muito próximo ao projetado nas últimas edições do Boletim CNS, que apontavam para uma expansão entre 0,5% e 1,0% em 2017. Vale mencionar que o resultado do ano é bastante positivo para uma economia que recuou 7,1% entre 2014 e 2016.

Entre os setores de atividade econômica, a agricultura e a indústria extrativa mineral foram os segmentos com maior crescimento em 2017, com expansões de respectivamente 13,0% e 4,3%. O PIB da indústria de transformação, ao contrário do que se observava desde 2013, cresceu 1,7% em 2017. É um crescimento modesto, mas já indica uma mudança de tendência. A construção civil apresentou nova retração, desta vez de 5,0%. Desde 2013, a construção acumulou retração superior a 20%.

Os serviços privados não financeiros apresentaram expansão de 0,5% em 2017 segundo o IBGE. Esse valor ficou bem próximo das projeções traçadas nas últimas edições do

T.1 PIB por setor de atividade, R\$ Bilhões

Setores de atividade	R\$ bilhões		var. (%)
	2016	2017	
Agropecuária	257,742	291,253	13,0%
Extrativa Mineral	105,375	109,909	4,3%
Indústria de Transformação	648,842	659,716	1,7%
Construção	310,693	295,219	-5,0%
Comércio	705,279	717,695	1,8%
Financeiro	438,565	432,975	-1,3%
Serviços públicos	1.123,534	1.116,602	-0,6%
Serviços privados não financeiros	2.136,368	2.147,910	0,5%
PIB a custo de fatores	5.726,398	5.771,279	0,8%

Fonte: IBGE. (*) Valores a preços do IV Trimestre de 2017.

T.2 Demanda agregada, R\$ Bilhões

Componentes de demanda	R\$ bilhões		var. (%)
	2016	2017	
Consumo	4.130,63	4.170,44	1,0%
Gastos do governo	1.459,96	1.451,81	-0,6%
Investimento	1.034,24	1.055,03	2,0%
Formação Bruta de Capital Fixo	1.062,72	1.043,18	-1,8%
Varição de estoques	-28,49	11,85	-141,6%
Exportação	809,53	851,46	5,2%
Importação	733,48	770,10	5,0%
PIB a preços de mercado	6.700,88	6.758,64	0,9%

Fonte: IBGE. (*) Valores a preços do IV Trimestre de 2017.

Boletim CNS, as quais indicavam perspectiva de expansão de 0,6%. A mudança de tendência encerrou o período recessivo pelo qual passaram esses setores de atividade econômica em 2015 e 2016.

Entre os segmentos que compõem os serviços privados não financeiros, os desempenhos mais positivos forma observados nos segmentos de serviços prestados às famílias e empresas, cujo PIB cresceu 1,1% em 2017, e dos serviços de transportes e de energia, saneamento e gás, ambos com taxa de expansão em torno de 9,5% no último ano. Essas atividades se beneficiaram diretamente com o aumento das vendas e da produção de mercadorias e do gradativo retorno do crédito. O PIB dos serviços de informação, devido à evolução desfavorável do segmento de telecomunicações, caiu 1,1% em 2017.

Como era esperado, as componentes de formação bruta de capital fixo e de despesas do governo apresentaram quedas em 2017: de -1,8% e -0,6%, respectivamente. O consumo das famílias fechou o ano com expansão de 2,0%. Esse resultado encerra o período de queda do consumo, cuja retração alcançou 7,4% entre 2014 e 2016.

Déficits na balança de serviços continuam crescendo

O balanço das transações de mercadorias do Brasil com o resto do mundo alcançou saldo positivo de USD 67,1 bilhões. Isso indica um crescimento de

Fonte: BACEN. (1) Royalties e aluguel de equipamentos (2) Serviços culturais, pessoais e recreativos e demais serviços.

T.3 Serviços privados não financeiros, R\$ Bilhões¹

Abertura de serviços	R\$ bilhões		var. (%)
	2016	2017	
Energia, saneamento e gás	156,65	158,12	0,9%
Transportes e logística	238,79	241,05	0,9%
Serviços de informação	184,44	182,34	-1,1%
Prestados às famílias e empresas	542,65	548,86	1,1%
Serviços imobiliários	1.013,83	1.017,54	0,4%
Total	2.136,37	2.147,91	0,5%

Fonte: IBGE. (1) Valores a preços do IV Trimestre de 2017.

T.4 Balança de serviços, USD Milhões

Contas	USD Milhões		var. (%)
	2016	2017	
Transportes	-3.730,51	-4.975,20	33,4%
Receitas	5.057,81	5.790,10	14,5%
Despesas	8.788,33	10.765,30	22,5%
Viagens	-8.473,11	-13.192,42	55,7%
Receitas	6.023,80	5.809,21	-3,6%
Despesas	14.496,91	19.001,63	31,1%
Seguros e serviços financeiros	-703,13	-695,23	-1,1%
Receitas	1.522,74	1.366,89	-10,2%
Despesas	2.225,87	2.062,12	-7,4%
Serviços prestados a empresas ¹	-16.018,45	-13.478,73	-15,9%
Receitas	18.877,99	19.911,88	5,5%
Despesas	34.896,44	33.390,61	-4,3%
Serviços governamentais	-1.563,91	-1.234,37	-21,1%
Receitas	732,59	801,79	9,4%
Despesas	2.296,50	2.036,16	-11,3%
Ourtos serviços ²	42,33	-274,72	-749,0%
Receitas	1.085,36	798,52	-26,4%
Despesas	1.043,03	1.073,24	2,9%
Total	-30.446,78	-33.850,66	11,2%
Receitas	33.300,29	34.478,39	3,5%
Despesas	63.747,07	68.329,05	7,2%

40,5% em relação ao observado em 2016, quando se acumulou um saldo positivo de R\$ 47,7 bilhões. Esse desempenho resultou do crescimento de 17,6% das exportações, que passaram de USD 185,3 bilhões em 2016 para USD 217,8 bilhões em 2017, e do aumento de 9,6% das importações, que passaram de USD 137,6 bilhões em 2016 para USD 150,7 bilhões em 2017.

A situação da balança de serviços, ao contrário, se deteriorou ao longo de 2017. No último ano, o déficit da balança de serviços foi de USD 33,9 bilhões, montante 11,2% maior que os USD 30,4 bilhões de déficit registrados em 2016.

Em 2017, houve aumento de USD 4,6 bilhões das despesas dos brasileiros com serviços prestados no exterior e pequeno aumento das receitas brasileiras com exportações de serviços a estrangeiros (USD 1,2 bilhão), as quais passaram de USD 33,3 bilhões em 2016 para USD 34,5 bilhões em 2017. Esse fato reforça a ideia de que os problemas estruturais de competitividade do país estão além das oportunidades de mercado que podem surgir com um câmbio mais favorável ao exportador de serviços e uma demanda mundial mais aquecida.

No que diz respeito aos serviços prestados a empresas, houve aumento de receitas (5,5%) e queda de despesas (4,3%). Assim, houve redução de 15,3% do déficit com esses serviços, muito embora o seu nível ainda seja muito elevado, de USD 13,5 bilhões em 2017.

Os itens que mais contribuíram para o aumento das despesas dos brasileiros no exterior foram as viagens internacionais, cujo aumento foi de USD 4,5

T.5 Balança de serviços, 2018, USD Milhões

Contas	USD Milhões		var. (%)
	jan/17	jan/18	
Transportes	-435,64	-527,18	21,0%
Receitas	332,89	461,14	38,5%
Despesas	768,52	988,32	28,6%
Viagens	-918,43	-1.223,45	33,2%
Receitas	660,75	778,74	17,9%
Despesas	1.579,18	2.002,18	26,8%
Seguros e serviços financeiros	22,05	-9,23	-141,9%
Receitas	193,70	157,52	-18,7%
Despesas	171,66	166,75	-2,9%
Serviços prestados a empresas ¹	-1.035,16	-924,30	-10,7%
Receitas	1.753,86	1.843,70	5,1%
Despesas	2.789,02	2.768,00	-0,8%
Serviços governamentais	-77,43	-83,84	8,3%
Receitas	58,67	61,58	5,0%
Despesas	136,10	145,42	6,8%
Outros serviços ²	21,01	5,00	-76,2%
Receitas	63,30	77,22	22,0%
Despesas	42,29	72,22	70,8%
Total	-2.423,60	-2.763,00	14,0%
Receitas	3.063,18	3.379,89	10,3%
Despesas	5.486,78	6.142,89	12,0%

Fonte: BACEN. (1) Royalties e aluguel de equipamentos (2) Serviços culturais, pessoais e recreativos e demais serviços.

bilhões entre 2017 e 2016, e os gastos com transportes, que se elevaram em quase USD 2,0 bilhões. Esses dados corroboram a visão defendida pela CNS de que é baixa a competitividade brasileira no contexto do turismo internacional. A qualquer aumento de renda no país, o turismo de brasileiros no exterior responde positivamente, ao mesmo tempo em que o país não consegue aproveitar o crescimento da renda do resto do mundo em igual proporção. Para um crescimento econômico mundial de cerca de 3%, nossas receitas com viagens de estrangeiros ao Brasil reagiram com uma queda de 3,6% entre 2016 e 2017.

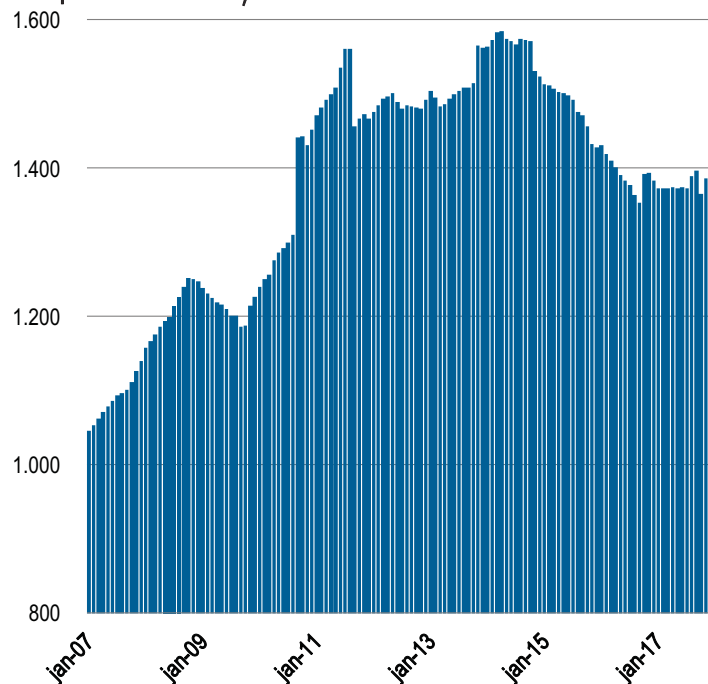
Esses fatos são corroborados pelos dados da Tabela 5, que traz o resultado da balança de serviços no primeiro mês de 2018. Novamente, notam-se aumentos dos déficits de transportes (21,0%) e de viagens internacionais (33,2%), a despeito do aumento considerável das receitas com a visita de estrangeiros em janeiro deste ano (elevação de 17,9%).

Desequilíbrio fiscal menor

As informações mais recentes do Tesouro Nacional dão conta de que o desajuste fiscal continuou muito elevado em 2017, mas o fechamento do ano surpreendeu positivamente. O resultado primário do Governo Central passou de um déficit primário acumulado em 12 meses de R\$ 165,8 bilhões em dezembro de 2016 para R\$ 120,2 bilhões em dezembro de 2017 (valores a preços constantes). Isso revela uma economia de mais de R\$ 45 bilhões para o Tesouro Nacional em 2017.

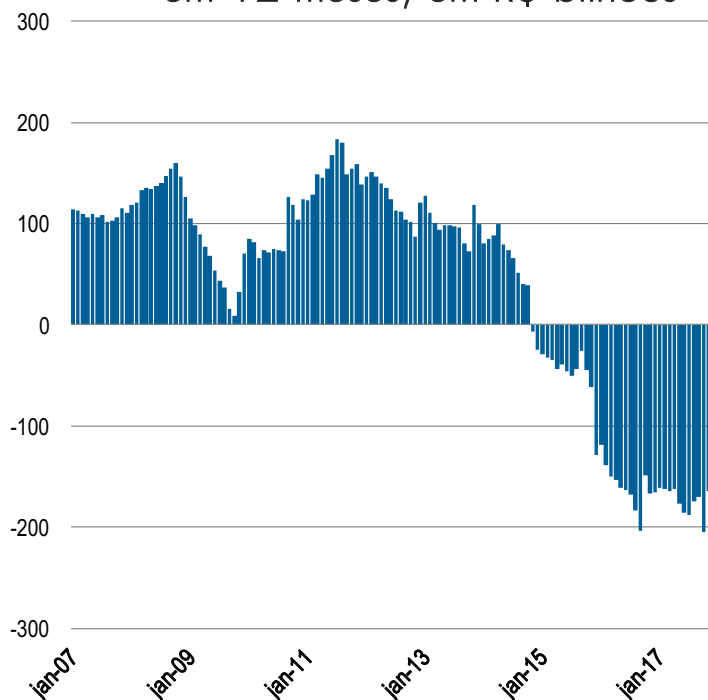
Esse resultado refletiu o avanço das receitas e a retração das despesas. Em 2017, houve aumento real de 1,6% das receitas totais do Governo Central em relação a 2016 e, de outro lado, queda real de 1,0% das despesas totais. Entre as receitas, destacaram-se aquelas não administradas pela Receita Federal, que cresceram 22,1% em termos

G.1 Arrecadação tributária federal em R\$ bilhões*, acumulada em 12 meses



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional e IBGE. (*) a preços do III trimestre de 2017.

G.2 Resultado primário acumulado em 12 meses, em R\$ bilhões



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional.

reais. Nesse grupo de receitas estão as provenientes de concessões e permissões, dividendos e participações, cota parte de compensações financeiras e operações com ativos.

Contudo, ainda há preocupações no lado das despesas. Houve aumento real das despesas nos itens Benefícios Previdenciários (6,1%) e Pessoal e Encargos Sociais (6,5%). As outras despesas obrigatórias caíram 10,5% em termos reais, ao passo que as despesas discricionárias, onde estão computados os investimentos públicos federais, recuaram 14,0% em termos reais. Nesse item, pesaram os cortes dos gastos com o Programa de Aceleração do Crescimento (-32,2%), onde estão computadas as despesas com o Programa Minha Casa Minha Vida, as quais caíram 56,1%!

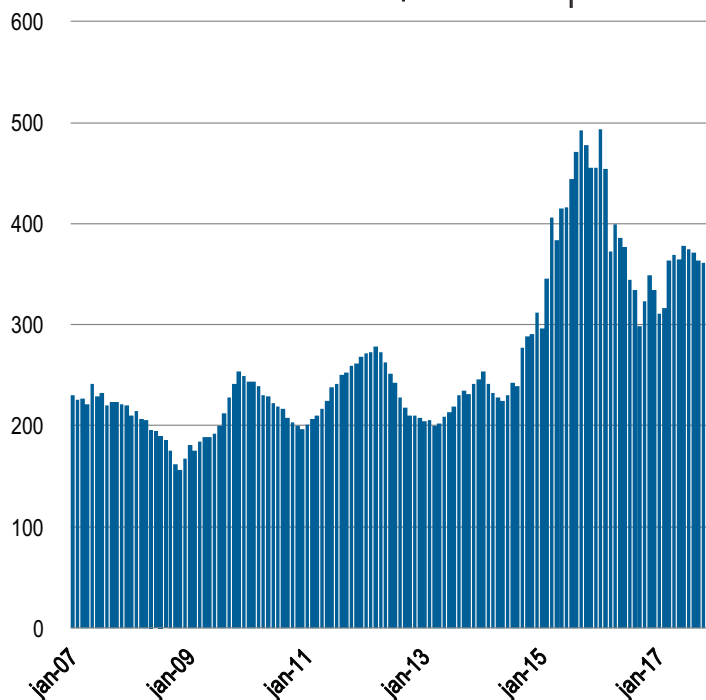
Com as taxas de juros em patamares bem menores que os verificados em 2016, caiu o ritmo de crescimento do custo de financiamento da dívida pública. As despesas com juros da dívida pública passaram de R\$ 334,4 bilhões em 2016 para R\$ 346,8 bilhões em 2017, indicando aumento de apenas R\$ 12,4 bilhões em termos reais.

Inflação continua baixa

A taxa de inflação dos preços ao consumidor continua bastante reduzida. Em fevereiro de 2018, a variação acumulada em 12 meses do IPCA ficou novamente abaixo de 3%, mantendo-se entre os níveis de inflação mais reduzidos observados no país nos últimos 10 anos. Isso tem possibilitado a manutenção do ritmo de redução das taxas de juros, com efeitos positivos sobre a economia. A inflação baixa também tem favorecido o aumento do poder aquisitivo, algo fundamental para o consumo.

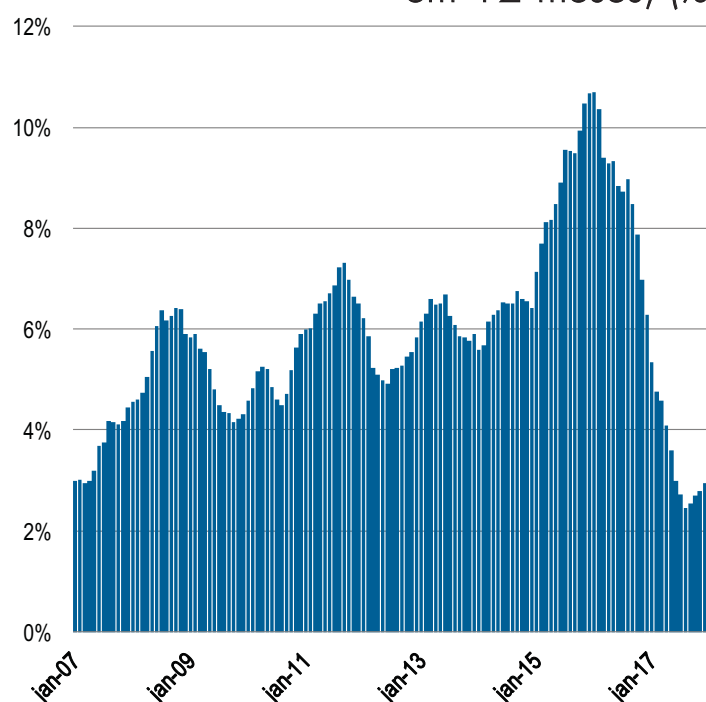
Nessa comparação, o que mais contribuiu para manter o custo de vida relativamente

G.3 Custo da dívida pública federal em R\$ bilhões por ano



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional.

G.4 Taxa de variação do IPCA em 12 meses, (%)



Fonte: IBGE.

estável foi o comportamento das despesas com alimentação no domicílio, que registrou queda de 1,4% no acumulado dos dois primeiros meses de 2018 com relação ao mesmo período do ano anterior. As despesas com saúde e educação continuaram pressionando o custo de vida dos brasileiros em 2018. Em fevereiro último, a variação em doze meses das despesas com saúde já estava em 10,6% e a das despesas com educação, em 5,8%.

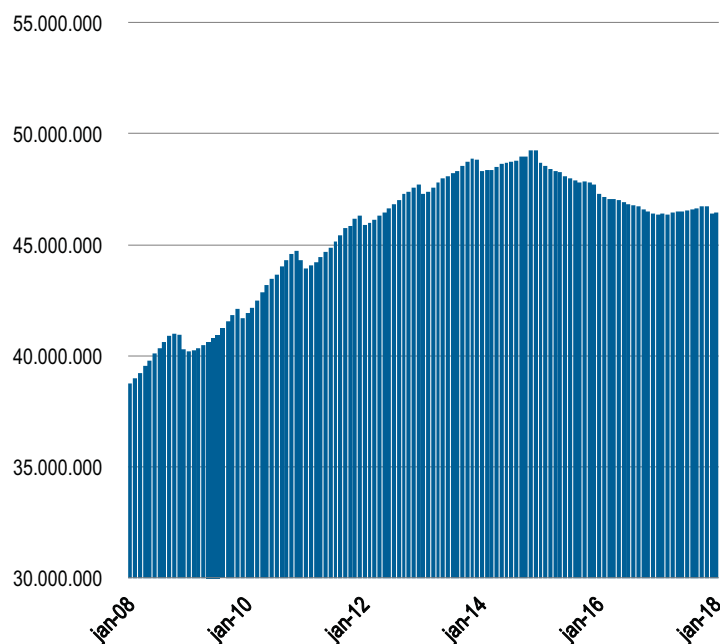
O IGP-DI registrou deflação de 0,2% nos dois primeiros meses de 2018 em relação a igual período de 2017. A estabilidade reflete tanto o comportamento dos preços aos consumidores, como a queda dos preços no atacado, principalmente de produtos agropecuários. Os índices de custos da construção continuaram apresentando crescimento.

Nos serviços privados não financeiros – que não inclui os serviços de saúde e educação prestados às famílias, os quais são acompanhados pelo IPCA –, o comportamento de preços foi bastante variado. Na média dos setores, houve aumento de preços de apenas 2,5% entre janeiro de 2018 e janeiro de 2017. Os preços dos transportes aéreos acumulam aumento de 11,8% nessa comparação e os preços dos serviços técnico-profissionais, de 4,4%. Nesses casos, pesaram os mesmos fatores que influenciaram os preços de serviços de saúde e de educação: as elevações dos custos com a mão de obra. Os serviços de telecomunicações, contudo, registraram deflação de 0,2% na comparação dos últimos 12 meses (até janeiro de 2018).

Emprego por setor

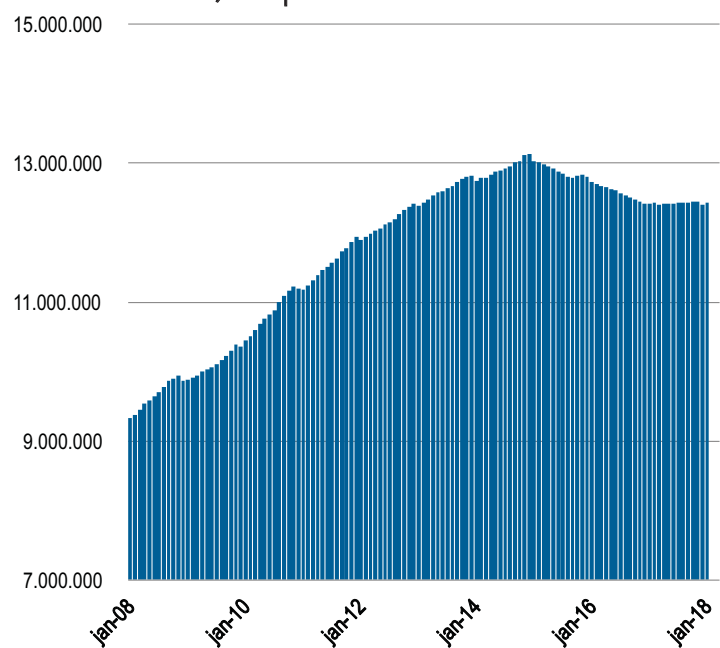
O mês de janeiro de 2018 foi marcado pelo crescimento no mercado de trabalho brasileiro. Na comparação com janeiro de 2017, houve expansão de 0,2% do estoque de

G.5 Emprego com carteira assinada em todos os setores de atividade econômica



Fonte: CNS

G.6 Emprego com carteira assinada nos serviços privados não financeiros



Fonte: CNS

trabalhadores com carteira assinada, o que significou a abertura de 83,5 mil novos postos de trabalho. A tendência de crescimento prevaleceu em alguns setores: agropecuária, indústria, comércio e serviços. Conforme indicam estimativas da Confederação Nacional dos Serviços feitas com base em dados do Ministério do Trabalho, os serviços responderam pela maior parte dos empregos criados em 2018.

Na comparação com janeiro de 2017, contudo, houve quedas nos segmentos de construção civil, -4,6%, e de indústria extrativa mineral, -2,5%. A construção civil fechou 101,4 mil vagas em relação ao mesmo período de 2017, um número excessivamente elevado para um setor de atividade econômica que já havia encerrado 940,1 mil vagas entre dezembro de 2013 e janeiro de 2017. A indústria de transformação, cujo estoque de trabalhadores fechou mais de 1 milhão de postos de trabalho entre dezembro de 2013 e janeiro de 2017, abriu 12,8 mil novas vagas em janeiro deste ano com relação a igual período de 2017.

Emprego e salários nos serviços

Nos serviços, os segmentos de educação e saúde foram os responsáveis pelo maior número de postos de trabalhos abertos nos últimos doze meses. O setor educacional registrou a abertura de 7,3 mil novas vagas e o de saúde teve a impressionante expansão de 57,9 mil novas vagas. Desde dezembro de 2013, o segmento educacional já abriu 66,87 mil novas vagas e o de saúde, 256,5 mil novos postos de trabalho com carteira assinada.

Os serviços privados não financeiros observaram a abertura de 19,5 mil novos postos de trabalho na comparação entre janeiro de 2018 e janeiro de 2017. O segmento de outros serviços privados não financeiros, onde se destacam os condomínios prediais e

G.7 Evolução da remuneração real nos serviços, em R\$ por mês



Fonte: IBGE.

os serviços de manutenção, foi responsável pela abertura de 70,4 mil novos postos de trabalho com carteira assinada em 12 meses.

O total de pessoas ocupadas no setor de serviços do Brasil alcançou 40,269 milhões de pessoas em janeiro de 2018, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE. Nessa pesquisa, além dos empregados com carteira assinada, são investigados os empregados sem carteira, as pessoas ocupadas por conta própria, os funcionários públicos estatutários e os empresários. Os serviços responderam por 43,9% das ocupações no país, uma participação 3,9 pontos percentuais maior que a observada em março de 2012, primeiro mês da pesquisa realizada pelo IBGE. Entre janeiro de 2017 e janeiro de 2018, o setor de serviços abriu 1,443 milhão de novas ocupações, o que representou 78,1% das ocupações criadas nos últimos 12 meses.

A remuneração média no setor de serviços teve elevação real de 0,4% entre janeiro de 2017 e janeiro de 2018. Esse crescimento foi menor que o observa-

do na média da economia, que registrou aumento de 1,2% da remuneração média das pessoas ocupadas. O resultado do setor de serviços é explicado pela queda de remuneração real de 3,2% no segmento de alojamento e alimentação.

Apesar do avanço lento da remuneração média, a massa de rendimentos das pessoas ocupadas nos serviços cresceu 4,4% entre janeiro de 2017 e janeiro de 2018, uma expansão maior que a da massa total de rendimentos na economia brasileira, que foi de 3,3%. Com isso, os rendimentos das pessoas ocupadas nos serviços alcançaram 55,5% do total de rendimentos pagos no país.

Faturamento nos serviços

O faturamento real dos serviços em janeiro de 2018 permaneceu abaixo do verificado em igual período do ano anterior. Em 12 meses, a queda acumulada é de 1,3%. Esse resultado decorreu dos desempenhos ruins nos segmentos de teleco-

municações (queda de 6,7%), de serviços audiovisuais (queda de 6,8%) e de outros serviços prestados às famílias (retração de 5,8%). Os serviços de tecnologia da informação apresentaram estabilidade e os serviços de transportes terrestres e de serviços logísticos registraram aumentos de respectivamente 3,4% e 4,1%.

Em termos regionais, os estados do Norte e do Nordeste apresentaram retrações maiores do faturamento em termos reais entre janeiro de 2017 e janeiro de 2018. As maiores quedas foram verificadas no Piauí (-18,7%), Rio Grande do Norte (12,6%), Roraima (9,6%), Tocantins (8,7%) e Acre (7,3%). As quedas verificadas no Distrito Federal e no estado do Rio de Janeiro foram expressivas: de 6,1% e 3,9%, respectivamente. O faturamento real dos serviços privados não financeiros no estado de São Paulo apresentou crescimento de 0,6% em janeiro de 2018 com relação a igual período do ano anterior.